IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

REGULAÇÕES E SOBREVIVÊNCIAS: REPRESENTAÇÕES DA PRECARIEDADE DO TRABALHO EM LAMPIÃO DA ESQUINA (1978-1981)

Eixo Temático 38 – TRABALHO E VIOLÊNCIAS: DIMENSÕES ESTRUTURAIS E INTERSECCIONAIS

Karen Greco Soares [1]

RESUMO

Este estudo investiga a construção dos sentidos do trabalho LGBTQIAPN+, tomando como objeto a revista Lampião da Esquina (1978–1981), considerada a primeira publicação de circulação nacional voltada à temática gay no Brasil. Por meio da análise dos relatos de memória presentes na revista, o estudo busca compreender como Lampião da Esquina representou o trabalho de dissidentes de gênero e sexualidade à norma heterossexual, evidenciando os desafios enfrentados no contexto social da época. A abordagem metodológica é do tipo qualitativa, interpretativa e interdisciplinar, valendo-se de noções foucaultianas e butlerianas, como biopolítica e vida precária, para analisar os relatos de pessoas entrevistadas e que tiveram cartas publicadas na revista.

Palavras-chave: Trabalho, Gênero, Sexualidade, Lampião da Esquina, Memória LGBTQIAP+.

INTRODUÇÃO

Sobreviver é, em uma definição do senso comum, continuar existindo apesar da ameaça, permanecer onde muitos sucumbem, persistir quando os ventos são contrários.

[1] Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR, karengreco2@gmail.com.

Na tradição filosófica, sobreviver não é apenas não morrer fisicamente – é resistir com um sentido. Talvez por isso os gregos antigos distinguissem zoé (vida nua, biológica) de bíos (vida qualificada, vida com forma). Sobreviver, então, é manter acesa alguma forma de bíos dentro da precariedade do zoé.

Michel Foucault (1997; 2000; 1987), nos alertou para as formas como o poder se exerce sobre a vida. Judith Butler (2018), ao pensar a precariedade dos corpos e das vidas "vivíveis", nos convida a considerar quem pode realmente sobreviver, e a que custo. Não há neutralidade na sobrevivência. Há vidas que são sustentadas e protegidas, e outras que são deixadas à margem.

A revista Lampião da Esquina, periódico da imprensa alternativa (ou imprensa nanica), que teve circulação durante os anos de 1978 a 1981, foi um veículo pioneiro ao constituir um espaço de visibilidade para dissidentes de gênero e sexualidade à norma heterossexual em um cenário marcado pela repressão política e moral da ditadura civil-militar brasileira. O periódico, em suas 38 edições, privilegiou a denúncia das múltiplas formas de opressão e a valorização de experiências de populações em um período histórico fundamental para a construção do movimento LGBTQIAPN+ brasileiro.

Este artigo, portanto, tem por objetivo analisar como Lampião da Esquina representou as experiências de trabalho de pessoas dissidentes de gênero e sexualidade na época, incluindo cartas enviadas por leitores/as/es à revista e trechos de reportagens e entrevistas. A partir desse material, buscou-se compreender de que forma a revista representou as condições precárias do trabalho relacionado à essas populações. Neste artigo, trazemos um recorte de dois relatos selecionados das primeiras edições da revista.

1. Representação, gênero e precariedade: condições de reconhecimento e existência

Para o referencial teórico desta pesquisa, partimos de um apanhado do conceito de representação, que tem longa trajetória nas ciências sociais. Marcado por um modelo epistemológico que associava representação à ideia de reflexo ou cópia da realidade, o

paradigma tem raízes na filosofia clássica, especialmente na concepção platônica de mimesis como imitação da verdade ideal. Sobretudo até o século XVII, a linguagem era concebida como espelho do mundo: havia uma suposta correspondência entre o signo e o objeto, entre a palavra e a coisa (Rocha; Coito, 2023).

Entretanto, em vez de tomar a linguagem como um meio de refletir a realidade, Michel Foucault (1988) passa a conceber a representação não mais um reflexo fiel de um referente real, mas sim uma operação que produz um efeito sentido de real (Rocha; Coito, 2023). Esse deslocamento epistemológico operado por Foucault abriu espaço para noções pós-estruturalistas de representação, que posteriormente seriam amplamente desenvolvida pelos estudos feministas e de gênero. Para Butler (2018, p. 27), "dizer que o gênero é performativo é dizer que ele é um certo tipo de representação"; uma representação que, diferentemente do modelo clássico, não reflete exatamente uma verdade, mas produz efeitos de verdade. Assim, a representação do gênero constitui um campo de negociação com o poder, no qual a repetição das normas que o sustentam pode, paradoxalmente, vir a "desfazer ou refazer as normas".

As normas de gênero e de sexualidade influenciam diretamente quem pode ocupar certos espaços e sob quais condições, afetando não apenas a liberdade de circulação, mas também o acesso a direitos fundamentais, como saúde, moradia, segurança e de condições de trabalho. O modelo dominante cisheteronormativo relega historicamente à dissidentes de gênero e sexualidade da matriz heterossexual condições de vida precarizadas. Butler (2018, p. 28) salienta: "a precariedade está, talvez de maneira óbvia, diretamente ligada às normas de gênero, uma vez que sabemos que aqueles que não vivem seu gênero de modos inteligíveis estão expostos a um risco mais elevado de assédio, patologização e violência".

Partindo desses pressupostos, este artigo explora a construção das representações da precariedade do trabalho na revista Lampião da Esquina, com especial atenção a dois relatos encontrados nas primeiras edições da revista, a fim de entender como historicamente a categoria trabalho tem construído seus efeitos de verdade às populações LGBTQIAP+ brasileiras.

A análise considera como essas representações incluem relatos de violência, repressão e exclusão naturalizados e vindos à tona através do resgate da memória proporcionado pela revista.

2. Aporte metodológico

Para a análise dos materiais foi desenvolvida uma matriz analítica de ordem qualitativa, interdisciplinar e interpretativa, com o foco em entender como a categoria trabalho é representada, construída e experenciada nos relatos de memórias coletados em Lampião da Esquina. Embora assumam-se algumas filiações foucaultianas e pós-estruturalistas acerca do discurso (Foucault, 2015, Butler, 2003; Lauretis, 1994; Haraway, 1995) nesta pesquisa, é necessário dizer que este estudo atende a uma matriz analítica própria e situada, que parte do reconhecimento de que todo processo de análise se inicia por um exercício de "poder ver" — um olhar que já se encontra posicionado, atravessado por marcadores específicos de quem o enuncia e pelo lugar que ocupa na produção do saber (Haraway, 1995).

Este estudo integra uma tese de doutorado dedicada à análise de um conjunto mais amplo de relatos e cartas publicados na Lampião da Esquina. Para fins deste artigo, no entanto, foram selecionados dois desses relatos como recorte analítico. Cabe ressaltar que, no campo dos estudos em memória e museologia LGBTQIAP+, narrativas de experiências vividas por sujeitos dissidentes da norma heterossexual — e que também se articulam com marcadores sociais como classe, raça/cor e gênero — constituem importantes instrumentos de preservação, valorização e difusão das culturas e memórias das comunidades LGBTQIAP+. Tão logo, apesar do número reduzido de materiais para este artigo, salienta-se a importância do resgate dessas memórias:

> Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. (…) Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos das testemunhas da outra era (Nora, 1993, p 11-12).

3. Representações da precariedade do trabalho em Lampião da Esquina

3.1. “Essa vida é de bicho e eu sou gente”

O primeiro relato selecionado para análise foi o de J.A.M., presente na reportagem "Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação", da edição ano 1, número 1, de 25 de maio a 25 de junho de 1978, em Lampião da Esquina. A matéria apresenta um retrato do universo da prostituição masculina na região da Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro, local referenciado como parte do chamado “triângulo da badalação” — um território de circulação, encontro e sobrevivência de homens marginalizados que se prostituem para viver. O texto mescla descrição jornalística e narrativa literária, explorando a vida cotidiana, os códigos de comportamento e as relações afetivo-sexuais entre os chamados “caubóis” e seus clientes. Apresenta-se, assim, um trecho extraído do relato de J.A.M:

> Para alguns, ele se apresenta como "César". Para outros, "Paulo". Diz ser filho de um eletricista de teatro, de São Paulo, com quem rompeu relações por motivos que variam ao longo da conversa: ora sua vontade de abandonar os estudos, ora o ressentimento por o pai — “um cara sacana” — ter se envolvido com outra mulher após separar-se da mãe do garoto. “Uma bruxa, saca? Que até chifre lá pôs no velho.” Seja como for, essa briga serviu de pretexto para sua vinda ao Rio de Janeiro. Desde os 15 anos, portanto há quase dois anos, ele atua como michê — também chamado midi-night cowboy na gíria dos frequentadores desse universo. Como todos os seus colegas de atividade, J.A.M. já morou em pelo menos “uns vinte apês”, ou seja, apartamentos de “bichas, mariconas e de canas legais”[...]
> Quanto aos critérios de remuneração por michê, são os mais elásticos possíveis. "Coroa rico dá até quinhentão (500 cruzeiros) de cada vez. Mas tem bicha muxa que não rende nem um gato (150 cruzeiros), e eu lá fico numa boa quando faturo uma perna (100 cruzeiros) pra matar a fome e pagar a hospedaria." É tudo uma questão de sorte. "E de não roubar, pra não ficar manjado pelos canas (clientes) e pelos homens (policiais). Gato (ladrão) manjado acaba em cana. Tem vez até que com a boca cheia de chumbo."
> Sempre a sorte, o acaso: "Mas eu conheço garotão que ganhou entendido legal, saiu das bocas, estudou e está trabalhando, numa outra." O entrevistado tem um sonho: "É isso aí, cara, pode publicar. Essa vida é de bicho e eu sou gente. É só chegar os 21 anos e eu entro na Marinha e caio no mundo. Quero ser marinheiro pra viajar, correr o mundo, ver se lá fora a barra é tão pesada como aqui." (Lampião da Esquina, 1978, p. 4)

Como primeiro ponto de reflexão, a figura do jovem michê evidencia a interseção entre a sua trajetória de gênero e sexualidade e as formas precárias de inserção no

mundo do trabalho. A trajetória de J.A.M., que se vê forçado a romper vínculos familiares e migrar ainda adolescente para sobreviver no mercado informal da prostituição masculina, apresenta alguns mecanismos sociais que empurram pessoas LGBTQIAP+ para as margens da economia formal. A fragmentação da identidade — marcada pela multiplicidade de nomes ("César", "Paulo") — já anuncia uma existência precária e performativa, onde a adaptabilidade se torna uma estratégia de sobrevivência (Lampião da Esquina, 1978, p. 4). J.A.M. muda de nome conforme o interlocutor, oscilando entre "César" e "Paulo", o que remete à ideia foucaultiana de um sujeito disperso, que se reinscreve estrategicamente nos espaços disponíveis, muitas vezes sob pseudônimos ou identidades provisórias. Essa fragmentação do sujeito não o desqualifica, mas evidencia os modos pelos quais ele resiste à invisibilidade, ainda que de forma instável, usando a linguagem como meio de autoinscrição, de se ocultar ou se “mascarar”, ser outra pessoa.

O trabalho como michê, também referido por termos como midi-night cowboy, é caracterizado por sua extrema informalidade, instabilidade e ausência de garantias legais ou direitos trabalhistas. A remuneração é volátil e dependente da sorte, da capacidade de manter-se "não manjado" por clientes e policiais. O discurso do jovem aponta para uma lógica de trabalho marcada pela imprevisibilidade e pelo risco constante de violência — tanto institucional quanto física —, confirmando a precariedade como experiência vivida cotidianamente (Lampião da Esquina, 1978, p. 4).

Além disso, o trecho ilustra como a marginalização de jovens LGBTQIAP+ se articula com outras dimensões de exclusão, como a ruptura familiar, a evasão escolar, a moradia instável (“uns vinte apês”) e o estigma social. A aspiração a uma "vida normal", simbolizada pelo sonho de ingressar na Marinha e “cair no mundo”, reforça a percepção de que o trabalho atual é desumanizante — “essa vida é de bicho e eu sou gente” — e de que o sujeito busca reconhecimento e pertencimento em outro espaço, longe da violência que marca sua experiência no Brasil urbano e marginal (Lampião da Esquina, 1978, p. 4).

Ainda, e não menos importante, o relato de J.A.M. é atravessado por um tom de normalização da violência, que está intrinseca à prática da prostituição a qual exerce: “Gato manjado acaba em cana. Tem vez até que com a boca cheia de chumbo.” A naturalização representa que sua existência foi incorporada a uma lógica de desvalorização e abandono. Ele sabe que sobrevive à margem da legalidade, exposto não só à exploração de clientes, mas também à ameaça constante de repressão policial e violência física (Lampião da Esquina, 1978, p. 4).

3.2.“A gente corre perigo na esquina”

> Depois, na Radial Leste, ponto de travesti fazer trotoar. Sara vestia um biquíni minúsculo, sem a parte superior; não tinha seios; calçava botas e se protegia da garoa com um enorme capote imitação de pele. Vinte anos de idade, travesti há quatro, fazendo ponto na Radial há um ano e meio; extraordinariamente doce:
> "A cana vem sempre, às vezes preta e branca, às vezes preta e vermelha. Levam pra delegacia, pra 42, soltam de manhã. Se não arranjar emprego, então fica na cadeia. Ah, meu amor, só peguei cana um mês; porque não trago documento na bolsa, então é vadiagem. A gente corre perigo na esquina... Mas aqui dá pra viver (Lampião da Esquina, 1978, p. 8).

Neste trecho, relato de Sara, travesti que fora entrevistada na Radial Leste para Lampião da Esquina, destaca-se em seu relato que a sobrevivência está condicionada não apenas à busca por recursos materiais, mas também à necessidade de se manter fora do sistema penal, que captura aqueles que não conseguem se enquadrar nas formas normativas e legalizadas de trabalho. A frase “Se não arranjar emprego, então fica na cadeia” é particularmente tocante no sentido de que representa um mecanismo de punição estrutural: a ausência de emprego — muitas vezes inacessível para travestis e pessoas trans por conta do preconceito e da exclusão — não é compreendida como uma falha do Estado ou da sociedade, mas como uma infração individual, punível com encarceramento. O trabalho, ainda que precário e informal como o sexo comercial nas ruas, torna-se então a única via de escape da prisão

Além disso, a frase “a gente corre perigo na esquina” denuncia a constante exposição à violência — seja policial, seja de clientes ou da sociedade em geral — que

marca o cotidiano do trabalho sexual nas ruas. Ainda assim, a fala se encerra com um resignado “mas aqui dá pra viver”, o que expressa uma aceitação amarga de que, apesar dos riscos e da precariedade, aquela realidade representa uma forma possível de existência, onde se pode garantir o mínimo necessário para continuar. Esse "viver", no entanto, está longe de significar dignidade ou segurança; trata-se de uma vida sustentada na resistência e na adaptação frente à negligência institucional e à exclusão estrutural. Assim, o trabalho, mesmo em sua forma mais vulnerável, é assumido como estratégia de sobrevivência frente à criminalização e à negação de direitos básicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As memórias do trabalho LGBTQIAP+ e suas representações são fundamentais para a compreensão das formas históricas de exclusão, resistência e sobrevivência que marcam a trajetória dessa população no Brasil. Elas revelam como o trabalho, em suas dimensões formais e, sobretudo, informais e marginalizadas, tem sido atravessado por estruturas de opressão como o modelo de trabalho cisheteronormativismo, o classismo e o racismo, produzindo experiências específicas de precariedade.

Através da análise dos relatos de Sara e J.A.M., publicados na Lampião da Esquina, elaborou-se brevemente um panorama da representação da precariedade do trabalho vivenciada por sujeitos dissidentes de gênero e sexualidade, em uma perspectiva de resgate histórico. Assim, o estudo destaca Lampião da Esquina como um importante veículo de resgate e preservação da memória do trabalho LGBTQIAP+, historicamente apagada e silenciada na sociedade brasileira.

Destarte, este estudo é parte de uma tese de doutorado que analisa mais profundamente outra série de relatos e cartas presentes nas edições da Revista Lampião da Esquina e que, devido aos limites de espaço neste artigo, não foram possíveis de serem incorporados ao presente estudo. Optou-se por este recorte específico que expõe algumas camadas da precariedade do trabalho LGBTQIAPN+, marcados pela marginalização, exclusão e violência, temáticas de ampla relevância social e científica, que infelizmente, ainda carecem de discussão e debate no ambiente acadêmico.

Ao recuperar essas narrativas, resgatam-se vozes silenciadas, permitindo o reconhecimento da centralidade do trabalho na constituição das vidas LGBTQIAP+,

além de possíveis estratégias e ações para que essas populações possam ter mais direitos, visibilidade e inserção digna no mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização, 2018.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Org. Trad. Roberto Machado-Rio de Janeiro: Edições Gaal, 1997

FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade. Trad. De Maria E. Galvão. SP: Martins Fontes, 2000, p. 288-289.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; Trad. Raquel RamalhetePetrópolis, Vozes, 1987. P.15.

JOURDAN, Camila. Foucault e a ruptura com a representação. História: Questões & Debates, Curitiba, v. 67, n. 2, p. 43-67, jul./dez. 2019. ISSN 2236-8000. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/68256 . Acesso em: 20/04/2025.

LAMPÃO DA ESQUINA. *Edição zero*. Rio de Janeiro: Lampião Publicações, abr. 1978. Disponível em: https://www.acervo.bndigital.bn.gov.br. Acesso em: 23 abr. 2025.

LAMPÃO DA ESQUINA. *Edição 1*. Rio de Janeiro: Lampião Publicações, mai. 1978. Disponível em: https://www.acervo.bndigital.bn.gov.br. Acesso em: 23 abr. 2025.

LAMPÃO DA ESQUINA. *Edição 3*. Rio de Janeiro: Lampião Publicações, jul. 1978. Disponível em: https://www.acervo.bndigital.bn.gov.br. Acesso em: 23 abr. 2025.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, v. 10, dez. 1993. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/ article/view/12101/8763. Acesso em: 23/03/2025.

ROCHA, Tacia; COITO, Roselene de Fátima. “Esta é uma obra coletiva de ficção…”: representação e similitude em Michel Foucault e as telenovelas exibidas pela TV Globo. *Revista História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 18, n. 1, p. 199-215, jan./jun. 2023. ISSN 2236-8000. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/9283907 Acesso em: 23/04/2025.